

● ENTREVISTA

“TODA A ESCOLA VAI SER PENSADA POR NÓS”

Miguel Ladeira Santos, CEO do Sharing Education Group

MARCO LIVRAMENTO
mlivramento@dnoticias.pt

No próximo ano lectivo, a International Sharing School muda-se para a sua nova ‘casa’. O antigo Seminário da Encarnação, em Santa Luzia, antiga sede da Junta Geral do Distrito e onde, mais recentemente, chegou a funcionar a Escola Bartolomeu Perestrelo, está a ser restaurado para voltar a ser um estabelecimento de ensino.

O prédio foi adquirido à Diocese do Funchal pelo Sharing Education Group, para ali funcionar a sua International Sharing School, que se mudará em Setembro, das instalações que actualmente partilha com a Escola da Apel.

O DIÁRIO falou com Miguel Ladeira Santos, CEO deste grupo português, para perceber que objectivos se alinham nesta nova aposta feita na Madeira, que vai permitir melhorar a oferta e duplicar o número de alunos.

O crescimento da International Sharing School obrigava a um novo espaço? Neste momento, as instalações onde estamos, que partilhamos com a Escola da Apel, colocam-nos algumas limitações em termos de crescimento. A procura continua a aumentar, não só por parte de famílias internacionais, mas também por famílias madeirenses, o que nos deixa bastante satisfeitos.

Este novo edifício vai nos permitir, não só crescer, mas dar mais dignidade ao trabalho que nós fazemos. Temos um espaço próprio era já uma necessidade. Estivemos algum tempo à procura do local certo, até chegarmos a este, o antigo Seminário da Encarnação.

O edifício está agora em remodelação. Vai ser mantida a traça original do imóvel? Sim, sem dúvida. Essa foi sempre uma das nossas intenções. Vamos manter todo o exterior original, de 1909, mas com um interior completamente diferente, de 2050, preparado para o futuro.

O projecto de reabilitação do edifício tem sido assegurado por uma empresa de referência nesta área, no caso a Saraiva & Associados. Temos uma equipa muito especializada e multidisciplinar, da Teixeira Duarte, enquanto empreiteiro geral, que

conta com outros sub-empreiteiros especializados nas diferentes áreas de intervenção. Estamos empenhados, por exemplo, na conservação de vários tectos, vamos restaurar várias pinturas, tudo isto são trabalhos muito especializados.

O design interior e a preparação do espaço das salas de aulas e de áreas comuns e logística foi pensada por nós, em conjunto com a Rosan Bosch, uma designer dinamarquesa de referência. Uma equipa do seu atelier vem à Madeira, trabalha com os nossos professores e com os nossos alunos, para assim conseguirmos perce-

EDIFÍCIO DEVERÁ ESTAR RECUPERADO EM SETEMBRO, ANTES DO INÍCIO DO NOVO ANO LECTIVO

ber exactamente o que melhor para a nossa escola, qual a melhor organização, o que é melhor para os nossos alunos e para os nossos professores. Temos sempre em conta as suas necessidades. Desenhámos a escola à volta disso.

Podemos dizer que toda a escola vai ser pensada por nós. Nós temos modelos educativos muito diferentes, que assentam, também, no tipo de espaços em que os alunos trabalham. Não vamos ter, por assim dizer, salas de aula convencionais, teremos antes espaços de trabalho. Portanto, o que nós vamos aqui criar são diferentes espaços de tra-

balho, para os alunos poderem trabalhar no dia-a-dia e aprender e melhor adquirir competências.

Vamos conservar praticamente todas as portadas, as janelas, os tetos, algumas paredes também, alguns elementos decorativos, a escadaria central, que é um símbolo icónico do edifício. Portanto, nós estamos a manter no máximo possível o edifício de acordo com o que era originalmente.

As obras deverão estar concluídas em Setembro. O próximo ano lectivo a escola já vai funcionar no novo edifício? Sim, é isso que perspectivamos. Não havendo grandes surpresas, e



O actual responsável máximo do projecto ‘Sharing School’ diz ter as portas abertas para os alunos madeirenses. FOTO MIGUEL ESPADA/ASPRESS

todos sabemos que neste tipo de intervenções podem sempre surgir imprevistos, iniciaremos o novo ano lectivo já no edifício do antigo Seminário da Encarnação.

O conceito foi evoluindo e a vossa rede já se expandiu para o continente... O grupo tem crescido de uma forma muito orgânica. Nós começámos aqui, na Madeira, com a antiga Escola Britânica da Madeira, fundada nos anos 80 do século passado. Ao longo dos anos foi sofrendo algumas alterações, até se constitui na marca que temos hoje, a International Sharing School.

Depois da escola no Funchal, abrimos outras escolas em África, em alguns países em desenvolvimento, nomeadamente em Cabo Verde e na Guiné Equatorial, testando o nosso modelo educativo. Seguiu-se a abertura da nossa escola no Taguspark, em Oeiras. E agora temos, também, uma escola no Algarve.

Portanto, a partir da escola na Madeira fomos crescendo para algumas operações em África, que hoje já não estão sob a nossa gestão, e posteriormente para o continente, ao percebermos que o modelo que nós temos, aliado ao currículo internacional, funciona.

Tínhamos uma escola com um grande foco no ensino das línguas, e ao desenvolvermos o conceito, passamos a dedicar especial atenção a outras áreas de competência. E aproveitando o impacto da economia da partilha e da economia circular, transformámos o modelo pedagógico num modelo 'Sharing', que é o nosso próprio modelo, aliando-o ao currículo internacional, o 'International Baccalaureate'.

Quantos alunos frequentam actualmente as vossas escolas? Aqui na Madeira, temos cerca de 250 alunos. Juntando as outras duas escolas que temos a nível nacional, estamos a falar de cerca de 1.200 alunos. A par disso, neste momento, aqui na Madeira, temos cerca de 50 pessoas a trabalhar aqui connosco, dos quais 40 são professores, metade dos quais são madeirenses e os outros estrangeiros.

No caso da Madeira, com este novo edifício vão aumentar a vossa oferta? Sim, vamos duplicar o número de vagas, podendo admitir até um máximo de 500 alunos, talvez um pouco mais.

E como encara esta aposta, numa altura em que se fala tanto da diminuição da naturalidade e da redução do número de alunos e da falta de professores? Deparam-se, também, com esses problemas? Felizmente, por enquanto, não são problemas que nos preocupam. Sobre o número de alunos, temos tido uma procura crescente. Em relação à falta de professores, a nossa realidade é um pouco diferente daquela que é vivida pelas escolas públicas. Aqui não sentimos tanto esse problema, temos é mais desafios em conseguir atrair os melhores professores. Se, no caso de Lisboa estamos a falar de um mercado bastante internacional, numa

cidade com um clima quente, todos querem trabalhar lá. Não temos, por isso, dificuldade em atrair professores para Lisboa.

No caso da Madeira, temos mais alguns desafios, sobretudo devido à sua dimensão e à insularidade. Temos a nosso favor o clima, a segurança, a gastronomia... a Madeira sempre foi um polo turístico. Tudo isto junto, faz da Madeira uma opção bastante atractiva.

Outro aspecto que se relaciona tanto com a questão dos professores, como do número de alunos é o aumento de nómadas digitais que escolhem a Madeira para passarem uma temporada. Com isto, a procura por este tipo de educação que oferecemos tem vindo a aumentar.

Ainda quanto aos professores, as pessoas que nós contratamos, muitas delas, vêm de outros países. Por isso, é tudo uma questão de conseguirmos ter uma proposta realmente atractiva.

E aproveito para salientar que a International Sharing School não é apenas para estrangeiros, como muitas vezes se tende a apontar. A nossa oferta destina-se, naturalmente, também aos madeirenses, e isso é algo que quero aqui vincar.

Em que premissas assenta a vossa oferta educativa? E o que vos diferencia dos demais estabelecimentos de ensino? O que nós ensinamos, os conteúdos ministrados, bem como a estrutura das aulas são em tudo idênticos aos das aulas portuguesas. Os nossos alunos têm aulas de matemática, de português, de ciências, de história, de artes, de desporto. O nosso currículo, em termos de conteúdos, é em tudo compatível e semelhante a um currículo português, inglês ou francês. 2 + 2 no nosso currículo dá 4, tal como no currículo português. O conteúdo é exactamente o mesmo. A grande diferença está na forma como nós trabalhamos esse conteúdo e a maneira como fazemos com que os alunos fiquem mais interessados pelos vários temas e peguem, por assim dizer, na 'ponta do fio', chamando-a para si próprios e, a partir daí, consigam desenvolvê-la da melhor forma possível.

Os professores servem mais como mentores dos alunos, quando comparados com um professor do ensino convencional. Mas, no fundo, ensinam exactamente o mesmo.

Em termos de 'hard skills' ensinamos o mesmo que qualquer outra escola ensinaria, existe uma diferença enorme, isso sim, no que toca a 'soft skills', muito por causa da forma como trabalhamos, como apostamos no desenvolvimento de outras características que são, cada vez mais importantes.

Podemos dizer que, ao fim do dia, o ponto de chegada é o mesmo, ou pelo menos é muito semelhante, mas o caminho é diferente. E se não for o mesmo, arriscamos a dizer que até é um 'bocadinho' mais à frente, muito por causa de todas as compe-



PARA SE ALCANÇAR UMA ENTREGA ÓPTIMA NESTE ÂMBITO, É PRECISO TER O ESPAÇO CERTO, AS CONDIÇÕES CERTAS, AS PESSOAS CERTAS, COM A FORMAÇÃO CERTA

tências que os alunos desenvolvem até este ponto de chegada.

Mas o que é o currículo 'International Baccalaureate' (IB)? Trata-se de um sistema educativo que aposta na amplitude e na profundidade de conhecimento e de compreensão, com um alcance de nível mundial, sendo mesmo um dos mais populares. Este sistema baseia-se em normas bem definidas e responsabiliza os alunos pelo seu trabalho. Este é o verdadeiro currículo internacional, que é reconhecido em Portugal, incluindo na Madeira, da mesma forma que é reconhecido em praticamente todos os países do Mundo.

As universidades portuguesas, à semelhança das principais universidades estrangeiras, reconhecem, igualmente, o IB, havendo equivalência directa.

Em muitas universidades estrangeiras, este currículo é preferencial. E basta vermos a taxa de entrada dos alunos formados neste currículo no ensino superior. Por exemplo, nas universidades da Ivy League ou da Russell registam taxas de entrada bastante superiores às registadas com alunos de outros currículos.

Até mesmo em Londres... a percentagem de alunos com IB que entram nas universidades é superior à dos alunos que têm o currículo inglês. E o mesmo se passa nos Estados Unidos, onde é mais fácil entrar nas universidades top do Ivy League com o IB do que com o currículo americano.

Por todas essas razões, este é um currículo extremamente valioso e que, cada vez mais, não só as universidades, mas também as empresas começam a ser valorizado, por exemplo na contratação de alunos que fizeram o currículo IB, valorizando todas as componentes e não apenas a académica.

As aulas são ministradas em inglês? Sim, uma das grandes diferenças, à partida, é a língua. O currículo é ministrado todo em inglês, em todos os níveis de ensino. Ainda assim, naturalmente, nós temos nos nossos programas muitas horas de aulas de português. Vamos muito além da carga horária mínima exigida pelo Ministério da Educação. Nós não queremos uma escola internacional onde os alunos não saibam falar português. E, também, nós queremos uma escola apenas para estrangeiros.

As famílias madeirenses podem estar confiantes de que os alunos que frequentam a nossa escola não perdem o contacto com a língua portuguesa e não deixam de desenvolver capacidades nessa matéria.

Mas há mais diferenças... As outras grandes diferenças são todas as 'soft skills' que os nossos alunos acabam por desenvolver. Estou a falar, por exemplo, do sentido de organização, de responsabilidade, de foco. O tipo de trabalho que desenvolvemos com os nossos alunos tem muito de dedicação individual, mas também de grupo. Todo o ensino é organizado de forma diferente e sempre

muito dirigido pelo aluno. O currículo e o processo educativo são conduzidos pelo aluno e acompanhado pelo professor, ao contrário do que acontece nos outros currículos, onde o conteúdo e as aulas são dirigidas completamente pelos professores.

O que vemos é que o ensino português está, cada vez mais, a aproximar-se deste tipo de estrutura. Agora, para se alcançar uma entrega óptima neste âmbito, é preciso ter o espaço certo, as condições certas, as pessoas certas, com a formação certa.

Não basta ter apenas o conceito. É preciso muita formação da equipa, que, no nosso caso, é feita internacionalmente.

Que níveis de ensino disponibilizam e quais vão disponibilizar neste novo espaço? Neste momento garantimos o Primary Years Programme (PYP), que mais não é do que o ensino desde o jardim de infância e o pré-escolar até ao 5.º ano de escolaridade; e o Middle Years Programme (MYP), que abrange desde o 6.º ano até ao 10.º ano.

Portanto, neste momento ensinamos desde o pré-escolar, desde os três anos de idade, até ao 10.º ano. Mas as novas instalações, além de melhorarem as condições de aprendizagem destes alunos, vão, também, permitir uma alteração muito importante para nós. Com este novo espaço, vamos passar a oferecer o Diploma Programme (DP), que abrange o 11.º e o 12.º anos. Passaremos a assegurar a valência toda no regime internacional.

Os alunos podem entrar ou sair a qualquer altura deste currículo. Temos uns que saem ao fim do 'Primary Years', na transição do 5.º para o 6.º ano, ou em qualquer outro momento, ao longo do processo educativo, havendo sempre uma equivalência directa entre os anos. O primeiro ano no nosso programa é equivalente ao primeiro ano no programa português, e assim sucessivamente. Cada ano tem uma equivalência directa.

Neste caso, será uma mais-valia estenderem o currículo ao secundário? Sim, claro. Além disso, com estas novas instalações vamos poder alargar o nosso foco as outras áreas que nas instalações actuais não é possível. Vamos ter laboratórios bastante completos de física, de química e de biologia, áreas de desporto, salas de música, entre outros. Vamos, desta forma, enriquecer a componente curricular e extra-curricular, ou co-curricular.

Estamos a falar de um investimento de que monta? O investimento ronda os 15 milhões de euros para a transição para este espaço. Inclui-se, aqui, não só a reabilitação do imóvel, mas também toda a componente interior. Vemos muitas vantagens neste edifício, na sua localização e centralidade. Para nós é muito importante ser este o edifício e estamos muito satisfeitos por iniciar esta nova fase.